

PRIMEIRO CAPÍTULO

Era eu muito mais novo e mais vulnerável do que sou hoje quando o meu pai me deu um conselho que desde então nunca mais me saiu da cabeça.

«Sempre que te apetecer criticar alguém», disse ele, «lembra-te de que nem toda a gente neste mundo teve as mesmas vantagens que tu.»

E não acrescentou mais nada, mas como sempre tivemos, com toda a nossa reserva, uma invulgar capacidade de comunicar um com o outro, percebi que ele queria dizer muito mais. Ficou-me, por conseguinte, uma tendência para reservar todos os meus juízos, hábito que me abriu as portas de muitas naturezas singulares e me tornou também vítima de não poucos maçadores profissionais. A mente anómala deteta e agarra com grande presteza esta qualidade, quando ela se manifesta numa pessoa normal, e foi assim que na faculdade me acusaram injustamente de ser um político, por estar a par das secretas angústias de tresloucados que nem sequer conhecia. A maioria das confidências não foi instigada por mim — não poucas vezes fingi sono, alheamento ou uma volubilidade hostil ao vislumbrar, por algum indício inequívoco, as revelações íntimas que se perfilavam no horizonte; porque as revelações íntimas dos jovens, ou pelo menos os termos em que eles as exprimem, são geralmente plagiadas e desfiguradas por evidentes omissões. Reservar os juízos é uma questão de infinita esperança. Ainda hoje tenho um certo receio de deixar escapar alguma coisa se esquecer,

como o meu pai presunçosamente sugeriu, e eu presunçosamente repito, que as noções básicas de decência são repartidas desigualmente à nascença.

E, depois de assim me vangloriar da minha tolerância, devo admitir que essa tolerância tem limites. A conduta pode alicerçar-se na mais dura rocha ou nos mais lodosos pântanos, mas para lá de um certo ponto pouco me importa saber que alicerces são os seus. Quando regressei do Leste, no outono passado, senti que queria ver o mundo inteiro fardado e, por assim dizer, moralmente falado, em permanente posição de sentido; não queria mais passeatas desregradas com revelações confidenciais dos abismos do coração humano. Só Gatsby, o homem que dá o nome a este livro, escapou a esta minha reação — Gatsby, representante de tudo o que mais sinceramente desprezo. Se a personalidade é uma série ininterrupta de gestos bem-sucedidos, então havia nele algo de grandioso, uma imensa acuidade para as promessas da vida, como se fosse um ser afim dessas complicadas máquinas que registam tremores de terra ocorridos a uma distância de dez mil milhas. Esta capacidade de resposta nada tinha que ver com a impressionabilidade amorfa que tantas vezes ouvimos dignificar com o nome de «temperamento artístico» — era um extraordinário dom de esperança, uma prontidão romântica como nunca encontrei em mais ninguém nem julgo provável vir um dia a encontrar. Não — Gatsby revelou ser, afinal, um homem às direitas; mas o que oprimia Gatsby, a vil poeira que pairava na esteira dos seus sonhos, teve o condão de cancelar temporariamente o meu interesse pelas angústias abortadas e pelas fugazes euforias dos homens.

Sou de uma família de gente importante e próspera, radicada há três gerações nesta cidade do Middle West. Os Carraways são uma espécie de clã, e reza a tradição que descendemos dos Duques de Buccleuch, mas o verdadeiro fundador da minha linhagem foi o irmão do meu avô, que aqui se estabeleceu em cinquenta e um, fazendo-se substituir na frente de combate da Guerra Civil, e criou o negócio de venda por grosso de ferragens que é hoje dirigido pelo meu pai.

Eu nunca vi esse meu tio-avô, mas dizem que sou parecido com ele — tomando por especial referência o retrato, bastante realista, que o meu pai tem pendurado no escritório. Formei-me em New Haven em 1915, exatamente um quarto de século depois do meu pai, e logo a seguir participei nessa migração teutônica retardada que ficou conhecida pelo nome de Grande Guerra. A contraofensiva entusiasmou-me a tal ponto que regressei a casa num estado de grande desassossego. Em vez de ser o aconchegado centro do mundo, o Middle West parecia-me agora a orla esfarrapada do universo — de modo que resolvi partir para o Leste e iniciar-me na corretagem de obrigações. Todos os meus conhecidos estavam na corretagem de obrigações, e por isso supus que o negócio pudesse sustentar mais um homem solteiro. Todos os meus tios e tias discutiram o assunto como se escolhessem o colégio para onde haviam de me enviar, e finalmente lá disseram: «Bom, está be-em», com caras muito sérias e hesitantes. O meu pai concordou em financiar-me durante um ano, e depois de vários adiantamentos, parti para o Leste, de vez, pensava eu, na primavera de 22.

Arranjar alojamento na cidade teria sido a solução mais prática, mas chegara a estação quente do ano, e eu acabava de deixar uma região de amplos relvados e amáveis arvoredos, pelo que quando um jovem lá do escritório sugeriu que arrendássemos uma casa a meias nos subúrbios, achei a ideia excelente. Foi ele quem descobriu a casa, um *bungalow* periclitante e maltratado pelas intempéries, a oitenta dólares por mês, mas à última hora a firma mandou-o para Washington, e eu mudei-me sozinho para o campo. Tinha um cão — ou pelo menos tive-o por uns dias, enquanto não fugiu — e um velho *Dodge* e uma finlandesa que me fazia a cama e o pequeno-almoço, curvada sobre o fogão elétrico a resmungar entredentes sentenças em finlandês.

Senti-me solitário durante um dia ou dois, até que um homem, mais recém-chegado que eu, me abordou na estrada.

— Como é que se vai para a aldeia de West Egg? — perguntou, desanimado.

Eu expliquei-lhe. E quando segui caminho já não me sentia solitário. Era um guia, um desbravador de caminhos, um pioneiro. Ele outorgara-me, sem querer, a liberdade da vizinhança.

E assim, com o Sol a brilhar e as grandes massas de folhagem a crescer nas árvores, ao ritmo a que as coisas crescem nos filmes em câmara rápida, deixei-me invadir pela convicção familiar de que a vida recomeça com o verão.

Havia tanta coisa para ler, por exemplo, e tanta saúde a beber naquele ar novo e revigorante! Comprei uma dúzia de volumes sobre gestão bancária, crédito e títulos de investimento, e as lombadas alinharam-se na minha estante a vermelho e ouro, como moedas acabadinhas de cunhar, prometendo revelar-me os cintilantes segredos que só Midas, Morgan¹ e Mecenas conheceram. E tinha sinceras intenções de ler, além desses, muitos outros livros. Na faculdade eu era bastante dado às letras — houve até um ano em que escrevi uma série de editoriais muito solenes e muito óbvios para o *Yale News* — e agora ia reintroduzir tudo isso na minha vida, até me transformar de novo naquele especialista mais limitado de todos que é o «homem completo». Não é um simples epigrama — no fundo, observa-se muito melhor a vida espreitando-a de uma só janela.

Foi por puro acaso que arrendei casa numa das mais estranhas comunidades da América do Norte. Ficava ela nessa estreita e tumultuosa ilha que se estende para leste de Nova Iorque — e onde existem, entre outras curiosidades naturais, duas formações geológicas invulgares. A vinte milhas da cidade, um par de ovos enormes, idênticos nos contornos e separados apenas por uma mimosa baía, avançam mar adentro na mais mansa massa de água salgada do Hemisfério Ocidental, o grande e húmido terreiro do Estreito de Long Island. Não desenham ovais perfeitas — à imagem do ovo da história de Colombo, são ambos rasos e achatados na extremidade em contacto com o solo — mas a sua semelhança física deve ser fonte de perpétua confusão para as gaivotas que os sobrevoam. Para os seres sem asas o fenómeno mais surpreendente é a sua dissemelhança em todos os aspetos, excetuando a forma e o tamanho.

Eu vivia no West Egg², o... bem, o menos elegante dos dois, embora o rótulo seja demasiado superficial para exprimir o bizarro e assaz sinistro contraste entre ambos. A minha casa ficava mesmo

no cimo do ovo, a escassas cinquenta jardas do Estreito, e entalada entre dois casarões enormes, arrendados a doze ou quinze mil dólares por época. O da direita era uma coisa colossal, sob todos os pontos de vista — cópia fiel já não sei de que *Hôtel de Ville* da Normandia, com uma torre de um dos lados, fachada novinha em folha sob uma barba rala de hera por aparar, uma piscina de mármore e mais de quarenta acres de relvados e jardins. Era a mansão de Gatsby. Ou melhor, e uma vez que eu não conhecia Mr. Gatsby, era uma mansão habitada por um cavalheiro com esse nome. A minha casa, essa, era uma desgraça, mas uma desgraça pequenina, e de tal modo passara despercebida que eu desfrutava o panorama das águas, um panorama parcial do relvado do meu vizinho, e a consoladora proximidade dos milionários — tudo por oitenta dólares ao mês.

Do lado de lá da mimosa baía os palácios brancos do elegante East Egg³ cintilavam ao longo das águas, e a história desse verão começa de facto na noite em que fui ao outro lado jantar com os Buchanans. A Daisy era minha prima em terceiro grau, o Tom meu conhecido da faculdade. E, logo a seguir à guerra, tinha passado dois dias com eles em Chicago.

Entre várias outras proezas físicas, o marido de Daisy fora um dos mais vigorosos pontas de lança que alguma vez passaram pela equipa de futebol de New Haven — uma figura nacional, por assim dizer, um desses homens que alcançam aos vinte e um anos um tão supremo grau de excelência limitada que tudo, daí em diante, ganha um travo de anticlímax. A sua família era fabulosamente rica — já nos seus tempos de estudante a liberdade com que Tom dispunha do dinheiro era objeto de censura —, mas agora ele deixara Chicago e instalara-se no Leste com luxos de cortar a respiração; trouxera de Lake Forest, por exemplo, uma quadra inteira de cavalos de polo. Custava a crer que um homem da minha geração fosse suficientemente abastado para fazer semelhante coisa.

Não sei por que motivo se mudaram para a costa Leste. Tinham passado um ano em França, sem especial razão que lá os prendesse, tendo depois vivido numa agitada deriva daqui para acolá, poisando onde quer que se jogasse polo e os ricos se juntassem